

Revisitando os Valores Sociais Espartanos no Discurso de Xenofonte

Luis Filipe Bantim de Assumpção¹

Introdução

A preponderância econômica e literária que Atenas exerceu na segunda metade do século V a.C. foi fundamental para que projetasse os seus valores político-culturais ao redor da Hélade. Nesse contexto, consideramos que a política expansionista ateniense serviu de referencial para as sociedades ocidentais que, por volta do século XIX, elaboraram um discurso de missão civilizadora e evolucionista europeia para regiões que consideravam como “atrasadas”. Assim, tanto Atenas quanto Roma foram “apropriadas” da Antiguidade no sentido de legitimar a dominação da Europa diante do continente africano e do asiático.

Diante desse cenário, fomos induzidos a pensar – seja por meio dos livros didáticos inerentes a nossa formação ou pela ideia de que Atenas criou a filosofia ocidental, o teatro e a democracia – que o modelo político-cultural ateniense foi um dos melhores que existiu na Antiguidade. Entretanto, não seria esse um juízo de valor carregado de intencionalidades?

Mediante o exposto, temos como objetivo discutir o discurso de Xenofonte na obra “Constituição dos Lacedemônios” para verificar como Atenas foi construída discursivamente como um modelo de conduta político-social, mesmo por seus habitantes, bem como os pressupostos que motivaram o autor a fazer um contraponto e elogiar Esparta.

Para o desenvolvimento de nossa análise, mobilizamos o arcabouço teórico-conceitual de Michel Foucault (1996, p. 6-7) em “A Ordem do Discurso”. Ao afirmar que a construção de um discurso depende, diretamente, do lugar que o seu autor ocupa na sociedade em conformidade com as suas intenções, notamos que o posicionamento dos pensadores antigos não pode estar dissociado de sua realidade político-social. Nesse sentido, a representação que Xenofonte edificou de Esparta estava atrelada ao lugar que este ocupava em Atenas, na passagem do século V para o IV a.C. Com isso, tornou-se necessário caracterizar, brevemente, o lugar de Xenofonte entre atenienses e espartanos para apreendermos o posicionamento de seu discurso.

¹ Doutorando pelo Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro; pesquisador no Laboratório de História Antiga (LHIA) e no Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade (ATRIVM).

John Lee (2017, p. 15) afirmou que as informações que temos da juventude de Xenofonte são escassas, porém alguns indícios podem ser obtidos desse momento de sua vida a partir de suas obras. Como havíamos demonstrado em outra ocasião, existe a possibilidade de que Xenofonte tenha nascido por volta de 430 a.C., ou seja, o autor presenciou e vivenciou todas as tensões e desgastes oriundos da Guerra do Peloponeso (ASSUMPÇÃO, 2016, p. 284-285). Interagindo com o próprio Xenofonte² (*Anábasis*, III, 1.4-5), este declarou que se aconselhou com Sócrates sobre a possibilidade de atuar como mercenário diante dos exércitos de Ciro “o jovem”, o que teria se dado por volta de 401.

Conjeturando a documentação e a historiografia, defendemos que Xenofonte integrou o círculo dos pensadores socráticos, sendo aconselhado pelo grande filósofo sempre que as suas inquietações se manifestavam diante de uma Atenas desgastada pelos anos de guerra. Os escritos de Xenofonte também demarcam outros elementos oriundos do seu lugar social. Afinal, frisamos que a atitude de se aliar aos persas – na figura de Ciro – poderia ser vista como traição pelos atenienses. Se examinarmos outra obra de Xenofonte entenderemos o posicionamento de Atenas diante de sua associação com Ciro.

Na “*Helênica*” (I, 5.1), Xenofonte apresentou o momento no qual Ciro, sátrapa persa e filho do Grande Rei Dario II, se encontrou com o esparciata Lisandro para que juntos pudessem estabelecer diretrizes capazes de sobrepujar o poder marítimo de Atenas no Egeu e na Ásia Menor. Diante de sua narrativa, Xenofonte (*Helênica*, II, 1.27-28) expôs a estratégia adotada por Lisandro para vencer os atenienses na batalha de Egospótamo, em 405 a.C. Sendo assim, afirmamos que as habilidades estratégicas de Lisandro somadas com as ações de sua tripulação e os recursos entregues por Ciro foram responsáveis pela derrota de Atenas e o fim da Guerra do Peloponeso.

Fica “evidente” que os últimos anos da Guerra do Peloponeso e a associação militar entre Esparta e o Império Aquemênida foram determinantes para que uma parcela dos atenienses considerasse os espartanos e os persas os verdadeiros inimigos a serem combatidos, caso Atenas almejasse recuperar a “glória” de outrora. Essa situação se agravou com a emergência do governo dos Trinta, ou Trinta Tiranos, quando Atenas viu o sistema democrático ser desmantelado em prol de uma oligarquia que, em virtude de sua associação com Esparta e Lisandro, adotou a perseguição e o assassinato como “máquinas

² Não entraremos no mérito do possível grupo social do qual Xenofonte fez parte em Atenas, ou seja, os *hippeis*. A nossa escolha em não abordar se deu pela extensão do artigo e pelo enfoque que direcionamos para as questões de cunho discursivo e documental, ao invés de nos determos às questões biográficas relativas a Xenofonte.

políticas” (XENOFONTE, *Helênica*, II, 3.11-13). Portanto, no momento em que Xenofonte se associou a Ciro “o jovem”, tido como um dos representantes persas na Hélade, a sua imagem perante Atenas acabou sendo negativamente afetada.

A situação de Xenofonte se agravou quando decidiu retornar para a Hélade na companhia do rei lacedemônios Agesilau II, em 394 a.C. O próprio Xenofonte destacou na “*Helênica*” (IV, 3.15-21) que o seu regresso não foi pacífico, visto que, ao se associar com Agesilau, o ateniense não somente se comprometeu com a causa do governante espartano, como também participou de uma batalha contra a sua pólis, Atenas, na chamada Guerra de Corinto.

Foi neste cenário que Xenofonte desenvolveu grande parte de suas obras, isto é, na condição de exilado político e aliado de uma sociedade espartana dotada de poder e influência em toda a Hélade. Enquanto os espartanos estiveram diante dos helenos, Xenofonte (*Anábase*, V, 3.7-9) gozou de certa proeminência, chegando a receber uma propriedade em Escilunte, na região de Elis. Quando Esparta foi derrotada em Leuctra (371 a.C.) e perdeu a sua influência junto a Hélade, Xenofonte se viu obrigado a buscar novos horizontes em sua trajetória de vida (ASSUMPCÃO, 2016, p. 288-289).

Por meio dessa breve introdução, tentamos descrever o contexto histórico e o lugar social no qual Xenofonte esteve imerso para entendermos o seu posicionamento discursivo na obra “*Constituição dos Lacedemônios*”. A partir daqui caracterizaremos a obra e os elementos que dela selecionamos para pensarmos a intencionalidade de Xenofonte ao problematizar os valores sociais espartanos.

A Constituição dos Lacedemônios e o lugar de Xenofonte

A “*Constituição dos Lacedemônios*” é uma obra que relata as práticas e os deveres político-sociais das principais magistraturas de Esparta, além de apresentar para uma audiência específica a conduta do governo para assegurar o bem-estar de toda a pólis, partindo da juventude, culminando na velhice do sujeito e destacando os benefícios de uma vida pública.

Diferentemente de outros pensadores contemporâneos, não estamos interessados em discutir sobre a autoria da “*Constituição dos Lacedemônios*”. Isso porque consideramos que esta foi escrita por Xenofonte e corresponda, adequadamente, aos anseios políticos do ateniense na condição de exilado e um opositor da democracia que levou a sua pólis a desestruturação econômica. Sendo assim, ao se exaltar a conduta dos esparciatas,

Xenofonte estaria legitimando a ideia de que o “tradicionalismo”³ político espartano era superior a “inovação” ateniense em prol do *dêmos*.

É difícil precisar a datação dessa obra que, devido ao tom elogioso de grande parte de seu conteúdo, nos permite arriscar que tenha sido escrita entre 390 e 370 a.C. Entretanto, se considerarmos o capítulo 14 e toda a denúncia que Xenofonte aponta acerca da postura espartana diante dos helenos, sugerimos que tenha sido uma mescla de sua experiência com comandantes lacedemônios ao servir o exército de Ciro, mas também daquilo que vivenciou no Peloponeso ao regressar para a Hélade. Corroboramos com Claudia Mársico, Rodrigo Illarraga e Pablo Marzocca (2017, p. 28-29) que o louvor de Xenofonte a Esparta e as suas estratégias militares – presentes nos capítulos 11 e 12 – tenham sido elaborados antes de 371 a.C., quando os espartanos foram definitivamente derrotados por Tebas⁴.

Dito isso, supomos que Xenofonte escreveu a sua obra no período em que esteve em Escilunte, ou seja, exilado de Atenas. Todavia, o capítulo 14 seria o resultado de sua insatisfação com os excessos políticos de Esparta, algo que poderia ter se dado após a batalha de Leuctra ou mesmo em momentos anteriores. Se considerarmos a perda da influência político-militar espartana no Peloponeso após o enfrentamento de 371 a.C., seria mais fácil fazer circular o capítulo 14 e a advertência/motivações espartanas em tamanha derrota.

Notamos que existe uma aparente confusão acerca do título. O título original da obra seria “Lakedaimoníon Politeía” – traduzido como “Constituição dos Lacedemônios” – pode acarretar alguns equívocos quando nos deparamos com o estudo de Esparta. De imediato, a ideia de Lacedemônia lida com o patronímio do herói epônimo desta região, denominado Lacedémon. Este seria filho de Zeus e da ninfa Taigete. A figura de Lacedémon seria um mecanismo para assegurar a relação entre os governantes de Esparta com personagens autóctones da região. Não temos precisão acerca da matriz deste relato mítico, porém, parece que esta tradição circulou pela Hélade entre os séculos III a.C. e II

³ Mantivemos essa palavra entre aspas por defendermos que Esparta e os seus valores sempre estiveram em transformação e adaptação, embora a documentação literária por vezes tente enfatizar que esta pólis era dotada de práticas arcaicas e imutáveis, como um indício de equilíbrio político.

⁴ Michael Lipka (2002, p. 11-13) sugeriu que as experiências de Xenofonte com o exército mercenário de Ciro fizeram com que o ateniense desenvolvesse uma imagem negativa de muitos comandantes (*harmostai*) espartanos, sendo esta a motivação para que Xenofonte escrevesse o capítulo 14 da “Constituição dos Lacedemônios”.

d.C., período no qual Pseudo-Apolodoro⁵ e Pausânias viveram e relataram em suas obras essa tradição histórica.

É possível que tais relatos já integrassem as narrativas locais e que tenham sido modificados com o passar do tempo, de tal maneira que pudessem endossar a legitimidade de um grupo político específico sobre a Lacedemônia. Com isso, a extensão da Lacedemônia abarcava uma área que se iniciava no Sul da Arcádia e abarcava toda a região a Leste do monte Taigeto e a Leste do monte Parnon, culminando ao Sul na península do cabo Maleas junto ao Egeu e ao cabo Tainaron, dividindo a Lacedemônia da Messênia. Por volta do século VII a.C., Esparta mobilizou certo contingente militar e submeteu a região da Messênia, após anos de enfrentamento. Nesse cenário, a Messênia passou a integrar a Lacedemônia como uma região dependente. Ser a pólis hegemônica na Lacedemônia também significava exercer autoridade sobre um conjunto amplo de pequenas pólis e conurbações em toda a região, aspecto que também pode gerar confusão na leitura dos textos clássicos, pois, em muitas ocasiões, a supremacia de Esparta permite que os seus homens sejam denominados lacedemônios, tal como no título de Xenofonte.

Por outro lado, o termo *politeía* não se limita a nossa ideia ocidental e contemporânea de constituição política. Vale salientar que, embora entre os helenos da Antiguidade clássica o termo *politeía* pudesse tratar de medidas governamentais, as formas de um governo e os direitos de um cidadão, o mesmo não se restringia a isso. Para tanto, a *politeía* também abarcava a vida do cidadão na cidade, o seu modo e a sua condição de vida. Dito isso, afirmamos que a obra de Xenofonte teria o sentido de expor o “modo de vida dos lacedemônios” que, nesse caso, se resumiria aos esparciatas.

Diante disso, Xenofonte (*Constituição dos Lacedemônios*, 1.1)⁶ parece compromissado a discorrer sobre a *diáita* dos esparciatas tentando demonstrar a maneira como uma sociedade pequena e com poucos habitantes se tornou tão poderosa entre os helenos. Segundo Noreen Humble (2014, p. 232), a “Constituição dos Lacedemônios” deve ser analisada em conformidade ao corpus documental de Xenofonte para entendermos uma parcela de suas motivações, mas também para tentarmos perceber o contexto histórico no qual o ateniense produziu a sua obra. Humble (2014, p. 217, 232-233) enfatizou que este panfleto político poderia ser classificado como uma “literatura de politeía” mesclada

⁵ Stephen Trzaskoma (2004, p. 17) esclareceu que a obra “Biblioteca Histórica” foi atribuída a Apolodoro de Atenas, em virtude do teor da obra e da fama deste último. Contudo, chegou-se à conclusão de que esta não foi da autoria de Apolodoro e passaram a designá-la como de Pseudo-Apolodoro.

⁶ Daqui em diante esta obra virá abreviada como Cons. Lac.

com a uma reflexão filosófica. Portanto, a “Constituição dos Lacedemônios” estaria inclinada a apresentar questões relacionadas com a administração política e ao comportamento social a partir de um questionamento filosófico destinado a compreender e responder os objetivos de sua obra.

Em virtude de seus objetivos, levantamos duas hipóteses fundamentais, a saber: 1) Xenofonte pretendia exaltar as práticas político-culturais de Esparta com o intuito de comparar o sucesso desse governo com os excessos de uma Atenas democrática; 2) Xenofonte estaria elogiando os costumes espartanos como um meio de retribuir os benefícios que Esparta e Agesilau lhe concederam após se tornar exilado. Esse posicionamento não exclui a possibilidade de que Xenofonte tenha utilizado a obra para tecer críticas a respeito da sociedade espartana do século IV a.C., uma vez que o capítulo 14 da “Constituição dos Lacedemônios” nos fornece essa evidência.

Logo, diferentemente de outra ocasião⁷, já não defendemos de maneira persistente que Xenofonte elaborou a “Constituição dos Lacedemônios” para denunciar os atenienses. Após anos de pesquisa manifestamos que Xenofonte elogiou Esparta na mesma proporção que a questionou. Essa postura se alinha com a proposta de Noreen Humble (2004, 2014) e Paul Christesen (2017), para quem Xenofonte fez uso da “Constituição dos Lacedemônios” para expor a sua insatisfação com a conduta espartana no século IV. Ainda assim, mantemos a ideia de que Xenofonte tenha almejado corresponder a essas duas tendências, ou seja, criticar a democracia ateniense e censurar a postura de Esparta junto aos helenos.

Ao mobilizarmos Michel Foucault (1996, p. 9-10), afirmamos que a postura de Xenofonte, em conformidade com nossas hipóteses, se deu em virtude da interdição inerente ao seu discurso. Isso porque, enquanto esteve sob a tutela espartana, Xenofonte não podia difundir abertamente a sua insatisfação com a conduta de Esparta. Do mesmo modo, não faria sentido Xenofonte escrever sobre as leis e os costumes espartanos para os esparciatas, visto que estes eram inerentes ao seu cotidiano. Dito isso, o interdito de Xenofonte também teria se dado para que as suas críticas a Atenas não fossem demasiadamente incisivas, pois, se o autor tinha a pretensão de recuperar a sua cidadania em algum momento, o seu discurso precisava de comedimento quanto às insatisfações com a democracia.

⁷ A ocasião em questão foi o artigo intitulado “Os valores sociais espartanos através de Xenofonte”, publicado nos Anais do I Encontro Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo, realizado pelo NEA/UERJ em 2009. Em certa medida, o artigo em questão é uma releitura e atualização desse antigo texto.

Retomando Foucault (1996, p. 10) não podemos esquecer que o discurso é uma arena política a partir do qual os diferentes grupos políticos se enfrentam para legitimar o que foi dito acerca de algo e a posição de seu detentor na dinâmica de interesses político-sociais. Imersos nessa via, Foucault (1996, p. 11) nos leva a conceber Xenofonte como um “excluído” que, embora dotado de um princípio de verdade, não tem o direito de se manifestar livremente. Entretanto, a sua visão pode trazer à tona aquilo que os demais não podem ver.

Sendo assim, a “Constituição dos Lacedemônios” poderia manifestar os interesses de um determinado grupo de esparciatas, cujo interdito inerente a Xenofonte fazia com que este expusesse os excessos de Esparta por intermédio das “entrelinhas”. Por outro lado, o fato de ser um exilado impedia que Xenofonte falasse abertamente de Atenas e para os atenienses, embora as suas palavras manifestassem a insatisfação de muitas pessoas na Ática. Para tanto, selecionamos alguns trechos desta obra para discutirmos o posicionamento de Xenofonte e lançarmos novas alternativas de interpretação.

(Re)Pensando os valores sociais de Esparta com base na Constituição dos Lacedemônios

Ao iniciar as suas considerações sobre a “grandiosidade” de Esparta, Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.1-2) atribuiu a responsabilidade desse feito ao mítico legislador Licurgo. Longe de problematizarmos se Licurgo existiu ou não, enquanto legislador, vale destacar que Xenofonte parecia denunciar os problemas de uma *politeía* elaborada por muitas mãos. O ateniense manifestou que foi a obediência as leis de Licurgo que assegurou aos espartanos uma posição proeminente entre os helenos. Por outro lado, uma vez que o legislador não se preocupou em imitar nenhuma outra pólis, Esparta se tornou uma sociedade única. De certo modo, o posicionamento de Xenofonte estaria interessado em satisfazer os interesses de uma parcela da sociedade espartana, cujas práticas sociais seriam identificáveis com os valores de Licurgo. Contudo, podemos afirmar que, já nesse trecho, o discurso de Xenofonte se constituiu em uma crítica a Esparta e a Atenas?

Considerando que os nossos apontamentos são ensaios científicos fundamentados em hipóteses, podemos afirmar que sim. Se em Atenas a maioria das decisões políticas se davam em uma via coletiva, Xenofonte poderia estar demonstrando os problemas – sobretudo para uma parcela dos segmentos sociais mais abastados – da Ática a partir do exemplo de Licurgo. Do mesmo modo, se Xenofonte destacou a questão da obediência

espartana às leis, a sua preocupação seria denunciar as sociedades em que os sujeitos são incapazes de fazê-lo. No que concerne a Esparta, o ateniense foi categórico em afirmar que os espartanos somente conseguiram prosperar por seguirem as determinações de Licurgo. Portanto, no momento em que estes deixaram de obedecer ao estabelecido pelas leis ancestrais, a sua sociedade entrou em decadência. Em certa medida, esta seria uma denúncia aos problemas políticos, sociais, econômicos e militares que Esparta vivenciou no decorrer da primeira metade do século IV a.C., onde a sua injustiça culminou na derrota para Tebas em 371 e na desestruturação de seu poder no Peloponeso.

A segunda temática da “Constituição dos Lacedemônios” foi a conduta das mulheres da elite esparciata e o seu processo de formação. De imediato, Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.3) expôs que as mulheres espartanas eram preparadas para efetuarem adequadamente aquilo que poderia ser “o mais grandioso” em suas vidas, a saber, gerar filhos. Embora a postura de Xenofonte simplifique, em certa medida, o papel das mulheres em Esparta, a sua representação não se limitou a esta participação simplista. O autor reconhece o papel fundamental que as mulheres tinham em sociedade, além de enfatizar que diferentemente de outras póleis, em Esparta, esperava-se muito do gênero feminino.

O ateniense pontuou que as mulheres espartanas não devem se preocupar em trabalhar a lã, tal como em outras sociedades, uma vez que as escravas bastavam para essa atividade. Ainda nesse viés, Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.3-4) declarou que Esparta gera os melhores homens pelo fato de suas mães não serem sedentárias. O autor complementa a sua apresentação expondo que Licurgo teria estabelecido um interdito a atividade sexual entre os casais. Segundo Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.5-7), o legislador teria estipulado que as mulheres não deveriam ver os seus maridos entrarem no leito nupcial, de tal maneira que estes se mantivessem mutuamente desejosos e, com isso, gerassem filhos robustos.

Em um primeiro momento, Xenofonte parece interessado em elogiar a estirpe dos esparciatas que, em razão da preocupação de seu legislador, não produzia filhos débeis e fracos. Tal afirmação ajudaria a legitimar a representação de que os espartanos eram os mais poderosos guerreiros da Hélade, algo que no decorrer do século IV a.C. começou a se desmistificar. Ainda assim, essa restrição sexual estaria atrelada à ideia de que a relação entre o casal deveria ser o suficiente para que ambos tivessem desejo mútuo e não se cansassem um do outro, fazendo com que a atração física mesclada ao vigor de um ato circunstancial concebesse um ser superior.

Se pensarmos nas possíveis críticas acerca de Atenas, o autor parece denunciar que as mulheres atenienses não são detentoras de uma boa compleição física, dando à luz a filhos fracos e mentalmente desvirtuados, levando em conta que os pais não eram de uma “perfeita linhagem”. Por outro lado, se considerarmos a atuação das mulheres ao administrar a propriedade de seus maridos, Xenofonte estaria enfatizando que em Esparta elas estivessem preocupadas unicamente com os seus corpos e com a procriação.

Adiante em sua exposição, Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.6-9) retomou a influência que o caráter dos pais e o seu físico exerciam sobre os filhos. Licurgo teria determinado que os homens contraissem matrimônio no ápice de sua virilidade. Seguindo esse viés, o legislador teria estipulado que homens idosos casados com mulheres mais novas deveriam escolher um determinado jovem com o qual as esposas pudessem procriar. Por fim, Licurgo também permitiu aos homens que não desejassem coabitar com as suas esposas, mas quisessem filhos de boa estirpe, que convencessem o marido de uma mulher honrosa para procriar com esta.

Essa ideia de que os homens deveriam contrair matrimônio no auge de sua virilidade é algo que nos permite pensar sobre o momento em que isso ocorreria. Se considerarmos que quanto mais jovem maior é a fertilidade de um ser humano, então, essa idade seria anterior aos trinta anos de idade, como era comum na Hélade. Nesse sentido, Esparta vivia uma oligantropia, ou seja, a insuficiência de seres humanos do sexo masculino, fazendo o governo se preocupar com o aumento da taxa de natalidade. Sendo assim, sugerimos que Xenofonte estivesse afirmando que o auge da virilidade dos espartanos fosse antes dos trinta anos, no sentido de prolongar a vida sexual desses sujeitos e a possibilidade de gerar filhos⁸.

De forma semelhante, Xenofonte afirmou que os idosos eram incapazes de produzir algo fisicamente grandioso. Por isso, como Esparta precisava gerar varões robustos para corresponderem às suas necessidades político-sociais, estes deveriam permitir que as suas mulheres engravidassem de homens mais jovens. Vale salientar que, embora Xenofonte estivesse representando os costumes de Esparta por uma via virtuosa, o apontamento serviu como uma crítica às sociedades, tal como Atenas, por permitir que os idosos – sobretudo,

⁸ A oligantropia espartana não se deu somente pela incapacidade de se gerar filhos. Na verdade, se considerarmos as perdas humanas em virtude de muitos anos de guerra, verificaremos o agravamento dessa condição. No entanto, Esparta teve uma grave perda de cidadãos pela incapacidade de arcar com as despesas materiais que esta posição social exigia. Portanto, embora existissem homens e esses gerassem filhos, a perda de cidadania impedia que mantivessem os seus direitos político-sociais. Assim, a oligantropia de Esparta foi o resultado da perda de recursos muito mais que da perda demográfica.

de recursos – casassem com mulheres jovens. A perspectiva de Xenofonte lida com a questão do bem-estar social, pois, se os atenienses almejavam a grandeza de sua sociedade, seria interessante que se preocupassem com a produção de jovens de uma estirpe de qualidade. Não sem motivos, o autor também poderia estar denunciando o fato de que, em Esparta, somente os melhores eram vistos como cidadãos, algo que diferia sobremaneira da Atenas democrática.

No trecho em que Xenofonte (*Cons. Lac.*, 1.9) trata dos resultados relacionados com a prática mencionada, a ênfase residiu na capacidade dos homens terem filhos de ótima linhagem sem que dilapidassem o seu patrimônio, mas também de que as mulheres poderiam se responsabilizar por duas famílias. Esse apontamento configura uma crítica acerca de Esparta. Afinal, o fato de as leis não impedirem as mulheres de herdar propriedades de seus pais acabou diminuindo a capacidade produtiva dos homens de sua família⁹.

Diante dos atenienses, essa assertiva se fundamentaria na representação de que as atitudes sublinhadas tornaram Esparta uma sociedade superior, enquanto que a conduta dos atenienses os impediria de recuperar a glória político-militar de outrora. Temos por hipótese que Xenofonte estivesse destacando os prejuízos de se permitir a procriação do *dêmos* quando, na verdade, os elementos mais importantes de uma pólis fosse os “belos e bons” (*kaloí kai agathoi*). Todavia, Xenofonte reforçou a ideia de que as mulheres de Esparta são descomedidas, haja vista que o seu discurso enfatizou o interesse destas em influenciarem mais de uma família perante a possibilidade de gerar filhos com diversos homens¹⁰. O interessante do discurso de Xenofonte é perceber que o seu lugar social permitia inúmeros posicionamentos. Apesar da nossa leitura ser uma alternativa de interpretação documental, serve para ressaltar o quão fértil pode ser um estudo sistemático do corpus de Xenofonte.

Em virtude da extensão deste texto, passaremos para o segundo tema de exposição de Xenofonte na “Constituição dos Lacedemônios”, a formação dos jovens. Para justificar o seu argumento, Xenofonte inicia esse tópico apresentando a maneira como os demais helenos agiam no tocante à formação dos jovens. O ateniense evidenciou que a educação

⁹ Em Esparta os homens deveriam contribuir economicamente com os repastos coletivos para manterem a sua cidadania. Nesse caso, a propriedade era fundamental para a conservação de seus direitos político-sociais e tornava relativamente problemática a sua situação diante das mulheres, as quais poderiam herdar propriedades de seus pais e/ou maridos.

¹⁰ Platão (*Leis*, I, 637c) e Aristóteles (*Políticas*, II, 1269b-1270a) foram alguns dos pensadores clássicos a manifestarem a ideia de que em Esparta as leis foram incapazes de controlar o gênero feminino.

helênica tornava os homens frágeis e era altamente individualista, pois cada pessoa era responsável pela formação de seus filhos. Outra crítica que identificamos foi a responsabilidade de escravos educarem os jovens em outras póleis. Afinal, como aqueles saberiam o mais importante a se transmitir aos filhos de seu senhor, se não detinham os mesmos valores políades (XENOFONTE, *Cons. Lac.*, 2.1-2).

Xenofonte (*Cons. Lac.*, 2.2-5) foi enfático quanto às práticas espartanas para assegurar a plena formação de seus cidadãos. O autor pontuou que os jovens eram supervisionados por um magistrado esparciata, chamado *paidonómos*, cuja atribuição permitia punir aqueles que não correspondessem às suas ordens. Essa atitude fazia com que a juventude fosse obediente e respeitosa.

Diferentemente de outra ocasião já citada, não partilhamos mais da ideia de que caberia ao governo espartano arcar com a educação dos jovens. Entretanto, o discurso de Xenofonte se preocupou em demonstrar que o equilíbrio de uma pólis reside no compromisso de assegurar o bem-estar coletivo. O caso espartano discutido por Xenofonte tentou manifestar que o insucesso de Atenas se deu pela incapacidade de equilibrar os interesses gerais da sociedade, mas, como isso seria possível em uma pólis democrática? Assim, Esparta e a sua preocupação com os valores ancestrais serviram de contrapeso para o individualismo e a inovação ateniense, a qual gerou a perda dos referenciais tradicionais e culminou na derrota na Guerra do Peloponeso.

Entretanto, o elogio a Esparta se tornou uma “espada de dois gumes”, uma vez que a obediência e o respeito eram alcançados por meio da punição e da austeridade. Nos dizeres de Noreen Humble (2014, p. 226), a excessiva vigilância mesclada com punição fazia com que os esparciatas transgredissem as regras de sua pólis quando em atividade no estrangeiro. Assim, embora Xenofonte estivesse discorrendo sobre os jovens, devemos considerar que essa vigilância se dava ao longo da vida espartana. Nesse caso, a formação em um sistema educacional coercitivo fazia com que os jovens crescessem com o sentimento de que aquilo era uma realidade inquestionável, até entrarem em contato com outras práticas culturais. Paul Christesen (2017, p. 387-389) ampliou a nossa perspectiva ao declarar que a educação espartana incutia a obediência a partir do medo, tornando esses sujeitos inseguros mesmo no ambiente políade. Tanto Humble quanto Christesen corroboram com a ideia de que Xenofonte utilizou tal aspecto para fundamentar uma parcela de suas críticas a Esparta no capítulo 14 da “Constituição dos Lacedemônios”.

De fato, não podemos ignorar que Xenofonte detinha certo apreço pela formação espartana e a prioridade que se dava aos segmentos mais abastados da Lacedemônia. Meditando sobre esses aspectos, Xenofonte foi um guerreiro e o seu louvor à formação em Esparta estava nos efeitos que esta poderia gerar na produção de um futuro cidadão e hoplita. Contudo, corroboramos com Humble e Christesen acerca desta premissa. Afinal, como se poderia suscitar o respeito e a obediência por intermédio da violência? Na verdade, essa postura apenas levaria ao receio e a tentativa de se buscar alternativas para esse sistema. Não sem motivos, alguns comandantes espartanos do século V e primeira metade do século IV a.C., foram o alvo de punições pela cobiça e os seus maus hábitos enquanto atuavam no estrangeiro.

Considerações Parciais

No decorrer desse texto verificamos que os nossos objetivos eram demasiadamente amplos para se restringir aos limites de um único artigo. Sendo assim, esse será o primeiro de uma “série” de, no máximo, três artigos interessados em lançar um novo olhar interpretativo a respeito da “Constituição dos Lacedemônios”.

Em suma, notamos que o lugar social de Xenofonte na primeira metade do século IV a.C. foi essencial para a maneira como o autor elaborou o seu discurso nessa obra. Do mesmo modo, defendemos que o resultado de nossa análise foi circunscrito pela nossa opção em abordar unicamente a “Constituição dos Lacedemônios”. Ainda assim, munidos do aporte teórico-conceitual de Michel Foucault, verificamos que muitas são as leituras possíveis acerca do posicionamento de Xenofonte para com Esparta.

Uma vez que o discurso é uma arena política, Xenofonte chegou a utilizá-lo no sentido de satisfazer os interesses de uma elite espartana dedicada em promover uma representação otimista de suas atitudes junto aos helenos. Por outro lado, Xenofonte teria privilegiado tal circunstância para desaprovar a conduta de Atenas, uma vez que os seus excessos foram os responsáveis pela sua derrota na Guerra do Peloponeso. Assim, o autor partiu da posição hegemônica de Esparta junto aos helenos e da sua proximidade com Agesilau para expor aos atenienses de suas redes políticas os malefícios de um governo democrático.

Todavia, a nossa incapacidade de precisar o período em que esta obra foi escrita nos permite (re)ler os indícios documentais de Xenofonte por inúmeros prismas. Com isso, o discurso de Xenofonte, à primeira vista, estaria elogiando Esparta, mas, nas entrelinhas,

poderia estar criticando esta pólis e os seus valores para uma audiência helênica externa a Lacedemônia. De todo modo, o lugar que Xenofonte ocupou junto aos espartanos até 371 a.C. o impossibilitou de tecer críticas objetivas aos costumes desta pólis. Portanto, defendemos que a “Constituição dos Lacedemônios” poderia ser identificada como um elogio àqueles que auxiliaram o autor em um dos momentos mais críticos de sua vida, mas que, em virtude dos excessos políticos de Esparta, também se mostrou um ótimo instrumento de denúncia. Nesse viés, notamos que Xenofonte não usa o nome de Atenas em nenhuma ocasião específica, o que evidencia o seu cuidado em não censurar os atenienses pela sua possível expectativa de recuperar, em algum momento, a sua cidadania.

Documentação Literária

ARISTOTLE. *Politics*. Trans.: H. Rackman. London: William Heinemann Ltd., 1944.

JENOFONTE; PSEUDO-JENOFONTE. *Constitución de los lacedemônios; Hierón; Constitución de los atenienses*. Trad.: Claudia Mársico, Rodrigo Illarraga, Pablo Marzocca. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

PLATO. *Laws*. Vol. I. Trans.: R.G. Bury. London: William Heinemann Ltd., 1961.

XENOPHON. *Hellenica*. Vol. I. Trans.: C. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

_____. *Anabasis*. Trans.: C. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

_____. *Scripta Minora*. Trans.: E.C. Marchant. Cambridge; London: Harvard University Press, 1968.

Referência Bibliográfica

ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de. Os valores sociais espartanos através de Xenofonte. In: *Anais do I Encontro Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo & VII Jornada de História Antiga*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2009.p.1-12.

_____. Antigas críticas e novas perspectivas sobre a biografia – um estudo de caso sobre Xenofonte (V a.C.). In: SOUZA NETO, José Maria Gomes de; BUENO, André da Silva; BIRRO, Renan Marques (Org.). *Antigas Leituras: olhares do presente ao passado*. Rio de Janeiro: Autografia, 2016. p.278-292.

CHRISTESEN, Paul. Xenophon’s Views on Sparta. In: FLOWER, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge; United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2017. p.376-399.

- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HUMBLE, Noreen. The Author, Date and Purpose of Chapter 14 of the *Lakedaimonion Politeia*. In: TUPLIN, Christopher (Ed.). *Xenophon and his World*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.p.215-228.
- _____. L'innovation générique dans la Constitution des Lacédémoniens. In: PONTIER, Pierre (dir.). *Xénophon et la Rhétorique*. Paris: PUPS, 2014.p.213-234.
- LEE, John W.I. Xenophon and his Times. In: FLOWER, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.p.15-36.
- LIPKA, Michael. *Xenophon's Spartan constitution: introduction, text, commentary*. Berlin; New York: de Gruyter, 2002.
- MÁRSICO, Claudia; ILLARRAGA, Rodrigo; MARZOCCA, Pablo. Estudio preliminar. In: JENOFONTE; PSEUDO-JENOFONTE. *Constitución de los lacedemônios; Hierón; Constitución de los atenienses*. Trad.: Claudia Mársico, Rodrigo Illarraga, Pablo Marzocca. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.p.9-110.
- TRZASKOMA, Stephen. Apollodorus. In: TRZASKOMA, Stephen; SMITH, R. Scott; BRUNET, Stephen (Ed.). *Anthology of Classical Myth: Primary sources in translation*. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.p.17-57.

Recebido em outubro de 2017.

Aprovado em dezembro de 2017.